

A REALIDADE CRISTO

CHRIST IS THE REALITY

Common christian people's priesthood and priest's ministry should be studied in Christ, the reality. Three are the essential realities in Christ: a) He did his job in the name of His Father, showing thus his divine sonship; b) Being divine Christ divinized man's activity.

c) He did his job for which he had been sent by his Father. What was Christ's function as priest? Unite man to God. This unity is vital in Christ being God and man. All his human life was a ritual of union to God. In this meaning Christ is more than a priest. Every moment of his life was priestly, but the highest point was attained on the Cross. Thus man was freed, through Christ, for fidelity and love. His fidelity led the Father to forgive our infidelities. So in the N. T. "priest" is the whole of Christ's person. It means identification with the life human-divine.

But modern reality seems evolution, development, liberation, freedom etc. In this sense Christ is called the liberator, the one who propels human evolution up to perfection in the union with God.

P. Carlos Oscar Mueller S. J.

Querendo falar do sacerdócio ministerial, necessário se torna falar antes do sacerdócio do povo cristão que, por sua vez, só se entende a partir do sacerdócio de Cristo.

Mas ainda o termo "sacerdócio de Cristo" nos parece por demais estruturado, por demais dependente do paganismo e do judaísmo antes de Cristo. Ora, a realidade Cristo é algo de totalmente único, superior em conteúdo a tudo que antès ou depois dêle apareceu na história da humanidade. Portanto, no único Cristo todos os conceitos

sôbre o homem e a vida humana têm a sua significação verdadeira e definitiva.

Procuramos, pois, aproximar-nos da Realidade Cristo para descobri-lhe as linhas essenciais.

I. A Realidade Cristo

A primeira realidade em Cristo é a vida humana: Cristo é um homem como todos nós, filhos de Adão. Um homem que cumpriu a tarefa que lhe fôra assinalada. Assinalada por quem? Pelas circunstâncias da sua vida: judeu, carpin-

teiro, profeta. Não fez nada que não correspondesse a essa tarefa: viver, trabalhar, anunciar, morrer. A nota distintiva que causa admiração é a fidelidade: cumpriu toda a vontade de Deus Pai, sem falta; passou fazendo o bem, amando sempre, mesmo os seus algozes; uma vida humana vivida em amor, só e sempre amor, até o fim. Assim Cristo manifestou e realizou o sentido da vida humana: sair de si para se dar ao outro. Este outro foram o Pai e os homens todos.

A segunda realidade em Cristo é a vida divina: este homem foi o Filho de Deus, chamando a Deus, o Senhor do céu e da terra, seu Pai. Em nome deste seu Pai fez milagres, como prova de Ele e o Pai serem um. Por seu amor obediente e confiante manifestou a sua relação filial com o Pai. Depois da morte ressuscitou e entrou na glória do Pai.

Terceira realidade: Cristo é caminho para o Pai. A vida humana do Filho de Deus foi para os homens causa e abertura para que os homens, unindo-se a Cristo na fé e no amor, tivessem a realização plena da sua vida individual e social. Pois, em Cristo, a vida humana é unida à vida divina, de modo que todos os atos vitais do homem têm uma dimensão nova, atingindo vitalmente o próprio Deus Pai, fonte e fim de tudo o que existe.

A fidelidade a estas três realidades constitui a trama de vida de Cristo. Na sua vida em Nazaré Cristo viveu a vida de todos os homens: vida modesta de trabalhador, mas vivida em doação plena de amor ao Pai e aos homens. Na vida pública Cristo foi anunciar aos homens a realidade que nele estava presente e que constituiu a oferta do Pai aos homens: se viverem

honestamente e caridosamente sua vida humana, cada um em seu lugar e situação, na fé em Cristo, também eles serão filhos de Deus.

O anúncio desta 'Boa Nova' constitui o ponto de divergência com as autoridades de Israel. E a fidelidade a esta mensagem foi a causa da morte na cruz: as autoridades não podiam admitir que fosse possível tornarem-se os homens filhos de Deus sem observarem a lei de Moisés, na aplicação concreta que eles lhe deram.

Cristo viveu sua vida em Nazaré; e, na atividade pública, até à morte, como um único grande dom feito aos homens: tudo ele viveu para nos merecer o perdão dos pecados e oferecer a participação na vida divina, manifestando-nos o amor de Deus que nos convida a sermos seus filhos e, entre nós, irmãos.

II. Aspectos Sacerdotais

Os termos sacerdócio, sacerdote e sacrifício têm referência à união do humano com o divino: "constituído para os homens naquelas coisas que são de Deus" (Hebr. 5,1). É nossa tarefa de reflexão teológica, examinar a Realidade Cristo para determinar, qual o significado exato destas expressões.

1) O serviço sacerdotal tem como finalidade estabelecer a união dos homens com Deus.

a) Em Cristo esta união se constitui 'hipostaticamente' (união pessoal): esta união existe em sua própria pessoa. Cristo é mediador desta união, para todos os homens: ele pode ser chamado o sacerdote da humanidade toda. O Filho de Deus fez-se homem, em Cristo, justamente para ser mediador da união dos homens com Deus.

b) Dando a Cristo o nome "sacerdote da humanidade tôda", indicamos sòmente que, em Cristo, a humanidade tôda tem o mediador da sua união com Deus. Mas não aparece, de que modo esta união é estabelecida.

2) O serviço sacerdotal se exerce por gestos e ritos especiais que produzem a união dos homens com Deus.

a) Em Cristo tôda a sua vida humana constituiu o gesto e o rito da união com Deus. Sob êste ponto de vista, não há na vida dêle gesto especial: tôda a vida é gesto e rito de união — a vida humana inclui também a morte. Também da parte dos homens a união efetiva dêles com Deus é constituída pelo ato de fé que é um ato vital de aceitação da vida tôda como tarefa de amor filial a Deus e de amor fraternal aos homens (1). Os gestos-sacramentos são constituição e expressão desta atitude de fé.

b) Nesta parte surgem dificuldades para caracterizar Cristo como sacerdote: êle é mais do que isso, é elo de união vital entre o homem e Deus, é princípio constitutivo pessoal da união com Deus; não por gestos sacerdotais, mas por sua existência tôda, vivida em plenitude de amor humano-divino.

3) O serviço sacerdotal é constituído, tradicionalmente, por oração, comunicação da palavra de Deus, sacrifício.

a) Em Cristo, a oração acompanhava tôda a sua vida e era expressão do sentido da própria vida, tôda ela destinada a realizar a união dos homens com Deus. Não há horas nem situações especiais para esta oração: a própria vida provoca e ocasiona a oração, para si e em favor dos outros.

A comunicação da palavra de Deus se referia tôda ao mistério da união dos homens com Deus, como manifestação do amor de Deus para com os homens. Em Cristo Deus diz aos homens que os quer ter seus filhos, indicando-lhes o modo como êles o podem ser. Modo êste que, em última análise, se reduz a viver a vida humana em obediência de amor a Deus, dando à vida humana a plena expressão que, segundo o plano de Deus, desde o início deveria ter.

A morte de Cristo na cruz é considerada, juntamente com a vida tôda, como sacrifício supremo e único em que Cristo sacerdote se ofereceu a si mesmo como vítima de expiação para a salvação de todos. Esta formulação parece ser sugerida pela analogia com os sacrifícios do AT (p. ex. Salmo 39): em lugar dos sacrifícios e holocaustos oferecidos pelo sacerdote, Cristo ofereceu a si mesmo, derramando o seu sangue no altar da cruz.

b) Na reflexão constatamos mais uma vez que o serviço sacerdotal de Cristo é constituído por tôda a sua vida humana, vivida no amor de Deus, desde o início até o fim. Nesta vida não há nenhum momento que de modo especial se caracterizasse como 'sacerdotal': sacerdotais foram todos os momentos, todos os gestos e palavras, pois tudo servia para iniciar os homens na união com Deus. Também a instituição da Eucaristia e a morte na cruz não parecem ter sido 'mais sacerdotais' que os outros momentos da vida, embora fôssem de um modo especial expressivos do caráter sacerdotal de tôda a vida. Cristo nos remiu por tôda a sua vida, uma vida de amor fiel, concluindo a redenção pela morte na cruz.

(1) Veja *Persp. Teol.* 1 (1969) 37-51.

Se, portanto, nos perguntamos de que modo Cristo nos remiu e uniu a Deus, devemos dizer que foi pelo amor com que orientou toda a sua vida à constituição e ao anúncio da redenção. O íntimo segredo do sacerdócio de Cristo é pois constituído, pela sua vida divino-humana, vivida no amor aos homens que ao mesmo tempo era amor ao Pai que lhe dera esta tarefa: de viver assim a sua vida e de anunciar a todos que, assim vivendo no amor, também eles se tornariam filhos de Deus, no Filho (2).

III. Conseqüências

Se esta interpretação da Realidade de Cristo é verdadeira, abrem-se à nossa visão perspectivas muito importantes:

- * O mais decisivo para o homem cumprir o seu destino e unir-se a Deus é viver sua vida em fidelidade de amor. Não importa qual seja a situação concreta do homem: lá onde ele estiver, com as forças que tiver, vivendo na doação de amor aos outros, na fé em Cristo ele é filho e está unido ao Pai, já agora e para a eternidade.
- * O homem pode cumprir este seu destino, porque o Filho de Deus feito homem, por sua fidelidade até à morte, mereceu para todos o acesso à vida divina e lhes enviou do Pai o Espírito Santo que a todos move para a realização de seu destino por uma vida de amor até a morte.
- * O homem não deve procurar a cruz, mas deve procurar ser fiel no amor, aceitando e suportando com amor os trabalhos e as conseqüências desta sua fidelidade.
- * O homem pode aceitar estas conseqüências com amor, porque lhe são apresentadas pelo Pai que lhe promete ressuscitá-lo e levá-lo a sua glória, com Cristo.
- * Assim a Realidade de Cristo é a verdade que liberta: liberta o homem para o amor. Liberta o homem a ser inteiramente o que desde o início deveria ser: pessoa em crescimento que se dá ao outro e que na morte pelo outro alcança a vida, plenitude de sua realização.
- * Esta realização em plenitude é puro dom oferecido aos homens pelo Pai, em Cristo: o homem não se dá a si mesmo esta realização, mas é a recebe em Cristo e por Cristo que a alcançou do Pai pela sua fidelidade no amor.
- * Por causa da fidelidade indefectível de Cristo, o Pai perdoa todas as infidelidades dos homens: basta o homem reconhecer a sua falta e recomeçar sua tarefa, pedindo perdão: "Não me leves a mal". "Peço que me aceites de novo, pelos merecimentos de Cristo". Quem for membro da Igreja, receberá este perdão por intermédio do ministro.
- * A denominação de "sacerdote, sacerdócio, sacrifício", no Nôvo

(2) Aqui seria necessário fazer um exame demorado do significado exato da morte de Cristo, em relação à vida toda de Cristo, em relação à tradição hebráica, à tradição cristã e à situação cultural-religiosa de hoje.

* Testamento, passou, tôda inteira, para a Pessoa de Cristo e, em Cristo, compreende tôda a sua vida, em todos os seus momentos, e é portanto identificada com a sua vida humano-divina. Cristo é, em sua Pessoa, união do homem com Deus e mediador desta união para todos os homens. A esta união cada homem pode chegar, através de uma atitude pessoal que, na fé, aceita a oferta que Deus lhe faz em Cristo e no Espírito Santo. Os sacramentos são etapas no estabelecimento cada vez mais intenso desta união.

IV. Perspectivas atuais

Convém, ainda, examinar o papel de Cristo e do povo cristão em relação a alguns pontos da problemática atual.

Cristo é mediador absoluto da união dos homens com Deus. Os cristãos são homens que, aceitando conscientemente no ato de fé a mediação de Cristo, vivem a vida de união com Deus na fidelidade de amor aos homens todos. Esta fidelidade no amor é, por sua vez, mediadora para a união dos outros homens com Deus. Cristo, por ser Filho de Deus, tornou-se causa da salvação (união com Deus) para todos os demais homens: nêle todos os outros podem chegar a participar da sua união com o Pai. Nesta mediação fundamental êle deixa participar os que se achegaram a êle: a vida de união a Cristo os torna co-causa e co-mediadores da salvação dos outros.

Hoje a vida humana e a Realidade Cristo são vistas em termos de evolução, desenvolvimento, humanização, progresso, em marcha para a libertação, consumação, co-

munhão. Nesta visão Cristo é dito libertador, consumidor, dinamizador da evolução humana até a perfeita realização da fraternidade em união com Deus que será tudo em todos. Ora, tudo isso Cristo é por sua passagem da morte para a vida, pela fidelidade no amor filial ao Pai e no amor fraternal aos homens. Enviando-nos o seu Espírito, êle dinamiza a evolução humana, libertando-nos para a doação de amor aos irmãos, levando assim a humanidade à consumação, na comunhão de todos com o Pai e entre si.

Cristo constituiu na sua Pessoa e para todos os homens a união vital entre o homem e Deus: na única vida humana há dois polos vitais — o homem e Deus. A união entre êstes dois polos estabelece uma tensão que o homem deverá sustentar em liberdade e fidelidade, até o fim da sua vida. Nem sempre êle dará aos dois polos a mesma atenção e o mesmo acento. Numa época cultural de sacralidade êle acentuará mais o pólo Deus, dando ao divino uma prevalência sôbre o humano. Numa época de secularização como a nossa, o acento passa para o humano, dando a êste todo o seu valor próprio, dentro da mesma permanente união com o divino. Em Cristo temos o modelo incomparável desta união, na qual "tudo o que é humano, é divino, e tudo o que é divino, é humano" (3): o divino não se sobrepõe ao humano nem o suprime nem lesiona, mas a êle se unindo valoriza-o ao máximo no seu valor próprio, valorizando-o dentro e por meio do divino.

Tal foi o plano de Deus, manifestado na Realidade Cristo.

(3) Gelas. I, Tomus 'Necessarium quoque ... Denz. — Sch. 355